

## O corpo e a sexualidade das mulheres: do século XVIII ao período entre guerras<sup>1</sup>

Gabrielle Houbre\*

Resumo: A partir do século XVIII, a diferenciação sexual dos corpos impõe-se na sociedade francesa e, em sua esteira, surgem a teorização e a promoção de uma “natureza feminina” sistematizada. No século XIX, esta “natureza feminina” sistematizada cristaliza-se numa subordinação irremediável da mulher ao seu corpo e sua capacidade de gerar filhos. É, portanto, a puberdade que torna o corpo das mulheres socialmente útil; sua valorização, porém, é acompanhada de uma vigilância coercitiva para as moças, particularmente na primeira metade do século XIX. Os autores do período romântico respondem, assim, à euforização relativa do corpo juvenil feminino na literatura das luzes pela sua “eufemização”, que se aproxima, na maioria das vezes, da inconsistência. Durante o Segundo Império, as críticas contra a educação das jovens é acentuada, pois se julga que essa educação as torna por demais estúpidas. As jovens ganham, notadamente através das práticas do *flirt*, espaços novos de liberdade dos quais a literatura e as imagens trazem certos ecos, por vezes excessivos a partir da *Belle Époque*. É preciso, assim, esperar o período “entre-guerras” para ver avançar a idéia de uma educação sexual para as moças e os anos de 1930, para que esta educação seja legitimada. Neste período, a expressão das mulheres em relação à sua sexualidade testemunha, sobretudo, a forte marca do catolicismo nas suas práticas, seu grau de ignorância que perpetua o modelo de *l’oie blanche*<sup>2</sup>, seu desencantamento face à sexualidade conjugal, mesmo que algumas delas reivindicuem a legitimidade de um prazer compartilhado. Neste domínio, a emancipação é tardia e será somente na década de 1970 que ocorrerá uma verdadeira revolução sexual, notadamente com o controle da procriação.

Palavras chave: Corpo e sexualidade, feminismo, história das mulheres.

Abstract: The 18th century began with an imposition of the sexual segregation of the body and with an awakening of the theorizing and promotion of a systematized feminine nature. During the 19th century this “feminine nature”, had made women become irretrievably submissive to their bodies and to their maternal capacity. It was, therefore, during puberty

\* Doutora em História, Universidade Paris 7/Denis Diderot, Membro do Instituto Universitário da França. <http://www.diderot7.jussieu.fr>  
Revisão técnica de Luzia Margareth Rago.

1. Este artigo retoma uma conferência feita em outubro de 2002 na Unicamp; ela se baseava, em parte, sobre a introdução que escrevi em *Corps des jeunes filles* (dir. Louise Bruit Zaidman. Gabrielle Houbre Christiane Klapisch-Zuber, Pauline Scmitt Pantel, Paris, Perrin, 2001).
2. Nota da Revisora Técnica (NRT). *L’oie blanche*: expressão francesa que designa uma pessoa muito tola, piegas.

that women regained their social usefulness, but this valorisation came together with a cohesive surveillance for girls, especially during the first half of the 19th century. The novelists of the Romantic Age reacted to the relative euphoria of the feminine juvenile body, as can be observed in the literature of the Enlightenment, for its euphemisms, which very often reached inconsistency. During the Second Empire, there was an intensification of the objections made to this form of education, as it was believed to make girls become dull-witted. Girls gained, mainly through the practices of flirting, new scopes of freedom, which had their ecos in literature and painting, sometimes quite extravagantly after the beginning of the *Belle Époque*. It was necessary to wait for the period between the two world wars for the idea of sexual education for girls to be conceived, and the thirties for it to be legitimated. During that period, the expression of women's sexuality suffered a strong Catholic influence, a high degree of ignorance that perpetuated the model of the *white goose* (*l'oie blanche*), and disenchantment with conjugal sexuality, even in face of some claims of shared pleasures. In this field, emancipation was overdue, and it was not until the seventies that the sexual revolution began, especially thanks to the control of procreation.

Key words: Body and sexuality, feminism, women's history.

O século XVIII se mostra decisivo na elaboração e na difusão de uma nova identidade feminina, “física e moral”, cujo dualismo se distancia daquele imaginado por Vesalius e por Descartes, durante os dois séculos precedentes. Enquanto os trabalhos do anatomista flamengo consideravam “o corpo isoladamente, numa espécie de indiferença ao homem ao qual ele empresta seu rosto”, e as teorias cartesianas, sem postulado religioso, separavam o corpo depreciado de um espírito valorizado, fazendo da “materialidade do corpo [um] limite à própria individualidade” (LE BRETON, 2000, p. 47 e 68), o século XVIII esboça uma “natureza feminina” de contornos ainda imprecisos. Mais receptivos às filosofias emergentes do sensualismo e do materialismo do que aos ensinamentos deixados pelos antigos e pela igreja, assinalados por Buffon – cujos trabalhos fazem crer que tudo deriva do corpo –, e por Rousseau – que se recusa a crer no pecado original da mulher e exalta sua familiaridade com a natureza, notadamente por sua função reprodutora –, os médicos das Luzes investem na elaboração de uma ciência médica racional, fundamentada na observação da anatomia e da fisiologia, capaz de permitir a descoberta da verdade completa sobre a natureza humana (ver KNIBIELHER, 1995; FRAISSE, 1995). Eles rejeitam o modelo até então dominante, do sexo único que considerava o corpo feminino como uma variante minimizada do corpo masculino, para privilegiar, doravante, a diferenciação sexual, não apenas a partir do exame dos sistemas genitais, como era costume da Antiguidade ao século XVII, mas a partir de uma comparação minuciosa de cada elemento corporal<sup>3</sup>.

A célebre obra do Dr. Pierre Roussel, *Système physique et moral de la femme*, (publicada em 1773), entre outras coisas, teoriza e promove “uma natureza femi-

3. Ver, principalmente, Laqueur (1992) e Peyre; Wiels (s.d., p. 127-157).

nina” sistematizada que, do século XIX ao XX, estabelece uma subordinação irremediável da mulher a seu corpo biológico e à sua capacidade materna. Michel Foucault (1976) mostrou como se organiza e se difunde toda uma produção discursiva sobre o sexo juvenil, nos séculos XVIII e XIX. Nesta perspectiva, a “revolução” da puberdade focaliza a atenção e suscita uma literatura médica cuja abundância só encontra paralelo na “estereotipização” ao longo de décadas: celebram-se da mesma maneira, quer dizer, liricamente, as manifestações do sentimento amoroso em ambos os sexos, mas isto dissimula mal uma diferenciação acentuada dos corpos. De um lado, a “virilidade” do menino; de outro, a feminilidade da garota. Por um lado, a glória do nascimento do esperma; de outro, a impureza que ressurgue do sangue menstrual. Resumindo, o aumento do poder do sexo forte e o estiolamento do sexo fraco.

Alguns pensadores logo entram, aliás, em dissidência contra esta última característica: em 1783, a questão colocada pela academia de Châlon-sur-Marne a respeito dos “melhores meios de aperfeiçoar a educação das mulheres” inspirou Laclos e o advogado Dumas, que leram muito bem Rousseau. Ambos, de fato, reforçam as idéias que o criador de Sophie formulou sobre a redução do valor da mulher, passando do estado de natureza ao estado de civilização. Laclos lamenta que a menina natural não possa se transformar em senhorita educada sem passar pelo luto da “liberdade, da força e da saúde”, enquanto que Dumas destaca a robustez das camponesas, que não perdem em nada para os homens nos trabalhos do campo, e opõe-se ao “corpo delicado”, ao “temperamento fraco”, à “conformação viciosa” da jovem, atribuindo-lhe a quantidade de “males que produzem a má educação do sexo”: “Para que serve uma senhorita aseada? Se lhe dermos uma enxada ou um ancinho, ela terá dificuldades em carregá-los” (DE LACLOS, 1979, p. 402; DUMAS, 1783, p. 20 e 22). Mas o vigor não é tudo, e Dumas protesta contra a exigência coercitiva da qual são vítimas todos os membros do corpo de uma menina. “A natureza deu graça ao sexo, quer-se conservá-la, cultivá-la, aumentá-la; mas ao mesmo tempo o corpo é enfraquecido, desgastam-no, deformam-no pelo abuso de suas funções. Evoca, por exemplo, o suplício do pé, que, para ser bonito, deve ajustar-se a um sapato pequeno, ou os tormentos do manequim, que, para ser fino, deve acomodar-se ao espartilho, verdadeira “máquina infernal” que punirá a mulher até o período após a Primeira Guerra Mundial (DUMAS, 1783, p.21)<sup>4</sup>.

No final dos anos 1780, Babeuf, numa reflexão lúcida e intuitiva sobre o masculino/ feminino, faz protestos similares contra a finalidade da educação das meninas e as práticas que lhes são determinadas e constata que a pouca força física das mulheres está diretamente na origem de sua submissão social:

4. Sobre a bibliografia recente consagrada à inferioridade feminina, ler a nota crítica de Duclerc (1999, p. 256-257).

Por toda parte trataram e dirigiram da mesma maneira as capacidades masculinas e as capacidades femininas admitindo, com arbitrariedade, que todas as superioridades estavam associadas à força física, e que as capacidades femininas eram simplesmente menores do que as capacidades masculinas. Como conseqüência deste erro, o sexo fisicamente fraco permaneceu na dependência do sexo fisicamente forte<sup>5</sup>.

No século XIX, o princípio ficou esclarecido: as teses do doutor Roussel, retomadas por seus discípulos Moreau de la Sarthe (1803) e Virey (1823), servem de vulgata e os redatores do Código Civil (1804), preocupados em respeitar a “ordem natural”, colocam a fraca mulher sob a “proteção” de um marido a quem deve “obediência” (art. 213). Convém também lembrar do olhar muito especial que este Código Civil, assim como o Código Penal de 1810, – que legalizam a inferioridade da mulher, considerada menor aos olhos da lei –, têm sobre a sexualidade conjugal. A mulher é, desta forma, considerada inferior a seu marido no campo dos deveres impostos pelo casamento. No que diz respeito à questão de fidelidade, o artigo 212 estipula muito bem que os cônjuges devem ter um pelo outro uma fidelidade recíproca, mas, quando a infidelidade acontece, as conseqüências são diferentes se é o marido que engana a sua mulher, ou se é a mulher que engana seu marido. Primeiramente pelo reconhecimento do delito, se este acontece: o adultério da esposa pode facilmente ser provado, porque o marido que dá a queixa pode antecipar todo o tipo de provas (cartas, encontros suspeitos, assiduidades de um homem, etc.), enquanto que o adultério do esposo só pode ser admitido sob a forma de flagrante de delito ou através de uma correspondência com sua amante. Além disso, este adultério só será condenável se ficar provado que a amante é sustentada no domicílio conjugal. Por outro lado, o adultério da esposa é sempre condenável; ele é julgado mais grave porque a esposa pode colocar em perigo a família se nela introduzir um filho dele nascido. O Código Penal de 1810 especifica que uma mulher, reconhecidamente culpada de adultério, pode ser condenada por requisição do Ministério Público, à reclusão em uma Casa de Correção, por um período que pode variar de 3 meses a 2 anos, enquanto que o marido, seguro de ter mantido sua concubina no domicílio conjugal, só incorre a uma multa de 100 a 2000 francos. Finalmente, se o esposo surpreende sua esposa e seu amante em flagrante delito de adultério no domicílio conjugal, e se ele – o marido – se torna culpado de assassinato, este crime é desculpável, porque, segundo o

5. Cartas de Gracchus Babeuf a Dubois Fosseux (posterior a 1786), *Ouvres de Babeuf*, t. I, 1977: “a menina, mesmo desde a sua primeira infância, se desenvolve sob influências muito adversas à sua natureza, para que, todas as qualidades e todas as riquezas de sua organização não sejam consideravelmente reduzidas e freqüentemente pervertidas. Elas crescem com entraves de toda ordem, (...) a ela é proibido tudo aquilo que poderia contribuir para alcançar o grau de saúde e habilidade que ela é capaz de adquirir. Obrigam-na a um falso pudor, a tornar-se fraca física e moralmente”, p. 95; citação do texto p. 99. Agradeço a Florence Gauthier por ter-me indicado esta carta.

artigo 324 do Código Penal, “ele é mais infeliz que culpado”; evidentemente, a lei não perdoa a morte do marido pela esposa.

A jovem existe, socialmente, primeiro por seu corpo e é no momento da puberdade que ela ganha sentido pleno: é de fato neste momento crucial que o corpo feminino, apto para a maternidade, torna-se importante no patrimônio social, como mostra perfeitamente esta litografia de Beuchot.



Imagem 1. Frédéric Beuchot, “Cara criança, tu estás na idade de te casares, a agitação de teu espírito, tuas emoções inquietas e vagas; tudo me anuncia que teu coração desabrocha... Fiz para ti a escolha de um esposo que te fará [sic] feliz”. *Soins tyranniques* 1840.

Esta imagem é caricatural pelos tipos físicos dos protagonistas. Beuchot faz o contraste entre a mãe baixa, gorducha, feia e o pretendente grande, magro e feio também. Esta litografia é uma paródia dos casamentos da sociedade rica que entregam, às vezes sem pudor, suas jovens recém-púberes (recém-“desabrochadas”, sugere o *bouquet* de flores à esquerda da mocinha) a homens já carecas. Vê-se aqui que o papel principal é reservado à mãe, encarregada de preparar sua filha para suas futuras funções de esposa e de mãe. É em torno dela, que se impõe maciçamente no centro da imagem, que se organiza a cena. Seu papel é duplo: por sua presença física e simbólica, ela mantém a separação dos sexos: não misturá-los era de fato um princípio educativo fundamental da burguesia. Mas, como ela é também um agente ativo das políticas matrimoniais, ela se prepara para abençoar o resultado da sua ação

“Fiz pará ti a escolha de um esposo que te tornará feliz”, diz a legenda). A representação material – vestido branco virginal – e gestual – olhos modestamente baixados – da senhorita respeita todos os atributos ligados ao seu estado. Ela ainda não ousa virar-se em direção ao seu futuro esposo, mostrando dessa forma sua exterioridade a um ato que, entretanto, a compromete para toda a vida, ao mesmo tempo em que ela marca sua submissão, mais ou menos confiante, à mãe. O discurso desta confunde puberdade psicológica e psíquica (“a agitação de teu espírito, tuas emoções inquietas e vagas; tudo me anuncia que o teu coração se abre”) e puberdade socializada (“tu estás na idade de casar”): agindo assim, esta mãe escamoteia o espaço temporal adolescente de sua filha. É verdade que, entre puberdade e casamento, a adolescência das jovens não é quase considerada e que nada é verdadeiramente feito para valorizá-la. O Estado não se preocupa muito com esta situação e as abandona, com prazer, à tutela da mãe e à influência da Igreja.

Quando o corpo feminino se torna verdadeiramente útil, torna-se também digno de estima e precioso. É neste momento, ainda, que a disciplina corporal se faz mais reativa e absoluta. Uma moça bem nascida, de fato, não corre nem se agita em público; seu gestual é ditado por uma conveniência afetada, codificada por uma literatura prolixa de manuais de civilidade que pouco se modificam ao longo dos séculos: “regulam-se os movimentos de seus olhos, de seus braços, de sua cabeça, sua atitude, seu comportamento”, irritava-se desta forma Dumas, em 1783 (p. 51).

Mas são, sem dúvida, as senhoritas do período romântico que pagam o tributo mais pesado à domesticação do corpo juvenil feminino. A este respeito, a ruptura pós-revolucionária é surpreendente. A reflexão pedagógica iniciada na época das Luzes não representa um limite, no começo do século XIX, a uma filiação explícita à Contra-Reforma e à Contra-Revolução. A burguesia, amedrontada pela afirmação física e moral das mulheres durante a Revolução, chocada pela permissividade dos comportamentos na virada do século, apressa-se a retirar suas filhas das influências perniciosas, entrincheirando-as sob a dupla tutela da Igreja e da mãe. Ela as reveste de “inocência”, conceito normativo que enterra a virgindade do sexo e do corpo, sob os imperativos da ignorância, da castidade, do pudor e da pureza. O sexo e o corpo são, ao mesmo tempo, também, modelados por essa burguesia, tanto através da interpretação de uma educação maniqueísta, quanto por uma instrução rudimentar e vazia (HOUBRE, 1997, caps. 4 e 6). Desde já, o ensinamento negativo da Igreja, que considera o corpo, antes de mais nada, como um grosseiro invólucro material ligando a alma à terra, acostumara-as a alimentar um sentimento de vergonha e de desprezo com relação ao próprio corpo, proibido de nudez e de sexo, estigmatizado pelo erro secular de Eva. Mas, a partir dos anos 1820, o catolicismo, ao qual o governo dos Ultras dá uma nova legitimidade, confere ao culto aos anjos e ao da Virgem Maria uma dinâmica nova da qual as jovens não podem escapar: por um lado, um corpo assexuado, límpido; por outro,

a lembrança do sacrifício da maternidade<sup>6</sup>. Separadas desde a puberdade do outro sexo, relegadas a um universo privado de qualquer referência corporal ou carnal, elas muito ignoram de sua própria anatomia, ignoram tudo do outro sexo e não possuem a possibilidade de pensar, mesmo que um pouco, sobre seu futuro matrimonial numa dimensão psicológica. O mesmo não parece ter ocorrido com a geração de mulheres que as precedeu no século XVIII, educadas com menos pudor, mesmo não sendo esta uma geração de mulheres, nem de longe, interessada desde a puberdade pela questão da diferença dos sexos por um pai enciclopedista, apaixonado pelas novas orientações médicas como o foi, por exemplo, Angélique Diderot (LUPPE, 1925, p. 124)<sup>7</sup>.

A literatura, igualmente, parece também fazer da jovem e de seu corpo uma figura em alto relevo no século XVIII e de baixo relevo no início do século XIX. Se olharmos as jovens heroínas do abade Prévost, de Marivaux, de Rousseau, ou mesmo de Bernardin de Saint-Pierre<sup>8</sup>, percebe-se rapidamente que o século XVIII preferiu valorizar as qualidades de sedução, de sensibilidade, de sensualidade e de espírito de decisão das jovens, que são, além disso, capazes de tomar iniciativas e, às vezes, de se mostrarem impudentes. Se a *Manon* do abade Prevost continua, surpreendentemente, desencarnada, a visibilidade dos corpos juvenis, no decorrer do século, é acompanhada de sua emotividade, antes que os anos 1790 registrem, com as heroínas martirizadas de Sade, seu brutal domínio iniciado por uma avidez masculina<sup>9</sup>. A materialidade do corpo juvenil feminino aflora, assim, literariamente, de forma mais marcada do que a do corpo masculino (BERTHELOT, 1997, p. 51)<sup>10</sup>. Nos romances libertinos inspirados pela filosofia pornográfica, a descrição orgânica torna-se quase exaustiva. Com mensagens rápidas e desordenando deliberadamente as maneiras civilizadas do mundo, Boyer d'Argens (*Thérèse philosophe*, 1748) e Mirabeau (*L'Éducation de Laure*, 1786) oferecem, rapidamente, às suas heroínas, uma ciência corporal completa e uma liberdade sexual que nem as demandas do imaginário de seus parceiros masculinos, nem a masturbação, nem o lesbianismo, nem o sexo com vários parceiros atemorizam. Mesmo se não nos deixarmos enganar pelas miragens de uma sexualidade inventada por autores que compõem, antes de mais nada, a partir de desejos masculinos, isto não impede que Thérèse e Laure participem como verdadeiras atrizes de

6. Em 1821, Pio VII encoraja oficialmente o culto ao anjo de guarda. Sobre o culto à Virgem Maria, ver Michaud (1985, cap. 1)

7. Ver Diderot (1930, t. 3, carta de 22 de novembro de 1768, p. 184-185).

8. *Manon* do abade Prévost, Hortense em *Le Petit Maître corrigé* (1734), Angélique em *Mère confidente* (1735), Silvia em *Le Jeu de l'amour et du Hasard* (1730), Marianne em *La Vie de Marianne* (1731-1741) de Marivaux, Julie em *La Nouvelle Héloïse* (1761) de Rousseau, Virginie em *Paul et Virginie* (1787) de Bernardin de Saint-Pierre.

9. Ver Richardot (2001).

10. Ver também Denneys-Tunney (1992).

disputas eróticas lúdicas, dando, mas também sentindo constantemente prazer. *Therèsè philosophe* e *l'Éducation de Laure*, além de relato cruamente explícito da iniciação sexual de duas heroínas são, também, livros de propaganda de idéias subversivas para a sociedade do século XVIII e, mais ainda, para a do século seguinte. Primeiramente, a questão da virgindade pré-nupcial, já que todas as jovens heroínas não são mais virgens e não se fala de forma alguma em casamento. Em seguida, a instituição matrimonial é rejeitada por Boyer d'Argens, assim como por Mirabeau. A finalidade reprodutora da sexualidade, enfim, é driblada sem pudor nos dois romances, onde se trata antes de mais nada de obter o máximo de prazer sem o risco da chegada inoportuna de uma criança. Em *Therèsè philosophe*, recorre-se ao coito interrompido, porém, lá também se aconselha, de maneira mais radical, evitar a penetração. Em *l'Éducation de Laure*, o pai não hesita em explicar longamente para sua filha como se preservar da gravidez usando meios anticoncepcionais, como, por exemplo, esponjas com espermicidas. Quer se trate da sexualidade pré-nupcial das jovens, da sua vontade de celibato ou de concubinato, ou da concepção epicurista da sexualidade, que marca o triunfo do prazer individual acima dos interesses do grupo social, quer ainda da “desculpabilização” e da descristianização da carne, as jovens são liberadas da ligação secular de parentesco com Eva, podendo, assim, tornar-se as atrizes dinâmicas da própria sexualidade.

A esta euforização do corpo juvenil feminino na literatura das Luzes, os escritores do princípio do século XIX respondem com uma “eufemização”, ou, em outras palavras, com a inconsistência das jovens, pelas quais só se interessam superficialmente. Ao contrário destes, os romances do período do romantismo procuram não contrariar as conveniências sociais, à exceção de *Gamiani ou Deux nuits d'excès* (atribuído a Alfred de Musset, 1833) – breve relato pornográfico, mas não filosófico, que expõe cruamente o corpo de uma jovem e a leva à morte através de práticas libertinas demoníacas –, *La Fille aux yeux d'or* (Balzac, 1834) e *Mademoiselle de Maupin* (Gautier, 1835-36), que abordam a homossexualidade feminina de forma alusiva. Apenas uma parte da produção litográfica, ridicularizando o erotismo libertino do século XVIII, pleno de sentidos, o desvia para tentar subverter, ainda que pouco, a carga moral da Monarquia de Julho.

A partir do Segundo Império as críticas dos observadores sociais contra a educação das moças tornam-se cada vez mais evidentes. A autoridade moral dos médicos em expansão e o interesse do Estado em cuidar da instrução das moças contrabalançam a influência da Igreja. As repressões do modelo católico da jovem inocente são comparadas à permissividade do modelo anglo-saxão protestante, que privilegia a co-educação dos sexos, o livre-arbítrio e a rápida iniciação da moça nos mistérios da vida (HOUBRE, 2000, tomo 146, p. 49-68)<sup>11</sup>. A *miss americana* se impõe

11. Artigo que será lançado em português em *Esboços*, revista do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina, em 2003.

no imaginário social como a própria figura da jovem emancipada, satisfeita em um corpo desabrochado e perfeitamente desligada dos jogos da sedução. Os romancistas da *Belle Époque* se beneficiaram disto para construir uma referência cultural e, a seguir, transferir para a jovem francesa o gosto do *flirt* (CASTA-ROSAZ, 2000). Um dos melhores exemplos é, sem dúvida, aquele dado por Marcel Prévost, em um romance que foi um dos *best sellers* da *Belle Époque* e que, aliás, acaba, de ser reeditado na França: trata-se das *Demi-Vierges* (1894). A heroína do romance é Maud, jovem aristocrata sem fortuna, que não quer se casar com Julien, a quem ama, porém, como ela, é também aristocrata e sem fortuna; mas ela o convence a aceitar um *flirt*, enquanto procura um noivo com mais dinheiro. Assim, o pragmatismo, mais ou menos revestido de cinismo, constituiria uma das características essenciais das “jovens modernas”, que procuram dissociar sentimento amoroso e casamento, enquanto que as jovens da idade romântica sonhavam poder amar aquele com quem se casariam e poder casar-se com aquele que amavam; elas representam “as jovens independentes” do pós-guerra, como mostra o desenho de Léonnec.



Imagem 2: G. Léonnec “Com que sonham as jovens?” (À quoi rêvent les jeunes filles), para o jornal *La vie parisienne*, 1918.

A revolução social e cultural que foi efetuada entre a representação da jovem romântica tal como nos foi mostrada precedentemente por Bouchot e esta aqui, é considerável; a legenda da imagem – título da primeira peça de teatro de Alfred de

Musset, em 1832 – convida, aliás, a estabelecer uma comparação. A postura da jovem de vida independente precoce (em 1922, foi publicado o famoso romance *La Garçonne* de Victor Margueritte) empresta alguns tiques masculinos, como o cigarro e a maneira de se sentar na cadeira com as pernas abertas. Sua modernidade reside, principalmente, em sua silhueta magra, liberada dos incômodos do espartilho (que desaparece efetivamente após a Primeira Guerra Mundial) e em sua atitude liberada (pequena ousadia com seu vestido, que sobe acima do joelho mostrando um pouco a perna). Enfim, a influência do modelo americano está bem presente, com os dólares que saem tanto quanto as rodelas de fumaça do cigarro, deixando entender que é o encontro do dinheiro, muito mais do que o amor, que parece preocupar esta jovem.

Sem chegar a possuir a ciência do corpo e a habilidade sexual da cínica “semi- virgem” de Marcel Prévost, as jovens francesas se liberam, entretanto, pouco a pouco, da sua tradicional ignorância, em uma época em que o olhar sobre a sexualidade feminina evolui consideravelmente. De fato, com a aparição de novos conceitos, no final do século XIX – especulações dos médicos sobre a “inversão”, o “terceiro sexo”, em seguida sobre a “homossexualidade”, sem esquecer das teorias psicanalíticas de Freud sobre a bissexualidade juvenil (ver MILLER, 1995, cap. 2; BONNET, 1995; TAMAGNE, 2000) –, as mulheres e as jovens se vêem dotadas de uma verdadeira personalidade sexual e, em breve, de desvios virtuais. O temor das “fêmeas invertidas” modifica, desta forma, consideravelmente, o olhar lançado sobre a jovem e suas amizades íntimas. Nos Estados Unidos, a inocência das *romantic friendships*, relações estreitas (mas que não pressupõem forçadamente a sexualidade) entre jovens ou jovens mulheres vivendo juntas, é questionada, condenada e marginalizada, nas primeiras décadas do século XX (FADERMAN, 1998, p. 145 e seg.). A pintura francesa capta essa evolução e os quadros revelam, a partir de então, oportunamente, no lugar das tradicionais cenas de amizade feminina, como, por exemplo, braço contra braço, ombro contra ombro, uma iconografia mais explícita quanto à suposta sexualidade juvenil (DIJKSTRA, 1986, p. 156 e seg.).

No mesmo momento, o debate sobre uma eventual aprendizagem teórica da sexualidade para as jovens é estimulado. Para os médicos, trata-se, principalmente, de prevenir o perigo venéreo e, para alguns espíritos femininos avançados, de reabilitar o corpo e a função sexual. Salvo raras exceções, as feministas não abordam o tema antes da Primeira Guerra Mundial. Nelly Roussel, lembrando-se de uma peça apresentada em 1904 (Paul Hyancithe Loyson, *Le Droit de vierges*), lança-se, entretanto, contra o “monstruoso edifício de estupidez e de imoralidade que chamamos [ela diz] ‘educação das jovens’. Uma jovem ignorante é lançada como um brinquedo, como um objeto para um homem que ela não ama! As jovens de hoje têm maior conhecimento do que tinham suas mães, é verdade. Mas não devem isso às mães, mas sim, a uma curiosidade legítima que cresceu com a consciência de seus direitos, com o sentido de sua dignidade pessoal e com o

enfraquecimento da fé religiosa” (KINBIEHLER, 1996). A radical Madeleine Pelletier, que prega a “virilização” das jovens, dedica algumas páginas de seu livro *L'Education féministe des filles*, 1914, à questão da educação sexual; ela mostra-se desconfiada com relação ao amor e preconiza, de bom grado, a castidade, não com o objetivo de preservar uma virgindade que ela não valoriza, mas porque essa castidade permitiria à mulher escapar de uma relação onde o homem, necessariamente, a dominaria. Alguns homens possuem também o mérito de colocar francamente o problema, como Victor Margueritte, que no livro *Jeunes filles* (MARGUERITTE, 1908, p. 33), elabora uma defesa romanesca em favor da iniciação das moças nos “mistérios da vida”.

É entre as duas guerras, porém, que a idéia de uma educação sexual abre, pouco a pouco, caminho, mas somente a partir dos anos de 1930 conseguirá impor-se. A obra da doutora Nelfrand (*Ce que toute jeune fille doit savoir à l'âge de la puberté. Education sexuel de l'adolescence*, 1932) deseja, antes de tudo, prevenir a jovem sobre os perigos da contaminação sexual; ela defende, então, a possibilidade de um amor prudente e lúcido e combate a idéia de que a ignorância seja sinônimo de pureza (pelo contrário, a seus olhos, é a fonte de erros fatais). É necessário assinalar que nos meios populares, as moças, que não sofrem os mesmos constrangimentos que as jovens da sociedade mais rica, são geralmente muito mais prevenidas e isto há muito tempo; elas descobrem o corpo e a sexualidade de forma ritualizada ou empírica<sup>12</sup>.

No campesinato, em particular, a juventude de ambos os sexos utiliza códigos amorosos freqüentemente muito palpáveis e os costumes de certas regiões toleram uma sexualidade pré-nupcial mais ou menos completa, tanto para as moças quanto para os rapazes (ao contrário do que vale para a burguesia)<sup>13</sup>. O código amoroso se exprime pouco através da linguagem oral, mas muito pelo gesto e pelos contatos mais íntimos. Existem várias singularidades regionais e locais. O exemplo da “jardinagem” (“*marâchinage*” *vendéen*, de Vendéia) ficou célebre. Os amantes não se abraçam mais, mas jogam pedrinhas um no outro, dão-se cotoveladas, tapas fortes no ombro e nos joelhos (a força do tapa tem reputação proporcional à intensidade do sentimento), se torcem os pulsos. No Berry dos anos 1920, um burguês um tanto desconcertado conta:

nas noites de verão, no começo da noite, vamos sentir o frescor do lado de fora, em um banco (...). Trocas de olhar, em seguida propósitos ingênuos, brincadeiras pesa-

12. Sobre o sangue menstrual, ver, principalmente, Verdier (1979); Muoline (1998); sobre a sexualidade nos meios populares, ver Sohn, 1996.

13. Na Bretanha, as moças se deixam *bouchonner*, quer dizer, acariciar por cima das roupas; o *marâchinage* da Vendée pode chegar até a relações sexuais consumadas (ver SEGALÉN, 1984) (NRT. A Bretanha, a Vendée e o Berry são regiões do Oeste da França. *Bouchonner* e *marâchinages* são expressões destas regiões).

das. O garoto dá empurrões, cotoveladas, pega a mão da *drollière*<sup>14</sup> e a aperta fazendo estalar as falanges. Ela responde a esta gentileza por um soco nas costas. O garoto coça o ombro, ri como um bobo e constata que a *gaillarde* tem pulso e será uma sólida dona de casa.

A igreja amedronta-se com o que considera um relaxamento dos costumes. Não conseguindo frear a descristianização masculina, procura reforçar suas influências sobre as mulheres. Desta forma, por exemplo, pela multiplicação de escolha de jovens virtuosas nos vilarejos, estas instituições valorizam as jovens de meios modestos e de reputação virtuosa, – quer dizer que são, ao mesmo tempo, virgens e respeitadoras dos deveres prescritos pela Igreja. Nos meios campesinos, a importância da virgindade é menor para a moça; certamente, alguns ritos a evocam no campo, mas os mais freqüentes evocam a fecundidade. Quer dizer que a preocupação, na noite de núpcias, em saber se a mulher está apta a procriar é mais importante do que a de saber se ela é ou não virgem (SEGALEN, 1981, p. 119-138).

No período entre as duas guerras, temos mais fontes que nos permitem estudar não apenas o discurso, mas as práticas da sexualidade. As fontes de caráter autobiográfico são particularmente mais numerosas neste período do que no século XIX e, principalmente, mais significativas, permitindo fazer algumas observações sobre a sexualidade das jovens e, também, sobre a sexualidade feminina no interior da vida conjugal. Utilizo aqui os trabalhos de Anne-Clair Rebreyend e de Martine Sévegrand. A primeira se baseia em aproximadamente vinte e cinco autobiografias, que cobrem o período entre as duas guerras, sendo a maior parte escrita por mulheres (mas também por alguns homens), freqüentemente vindas de meios mais modestos ou das classes médias, o que constitui uma ruptura com o século XIX<sup>15</sup>. O seu trabalho revela o grande desconhecimento das jovens, no que concerne ao seu próprio corpo. Assim, uma das autoras de uma autobiografia confessa que não tinha uma “idéia clara do seu físico”, já que em sua casa só havia “um pedaço de espelho”. A maior parte das mulheres afirma nunca ter visto o corpo desnudo da mãe, que poderia ter-lhes servido de referência. Por outro lado, parece que o mais freqüente era a inexistência de qualquer esboço de iniciação sexual no interior das famílias, onde o silêncio prevalecia. Não havia ou havia muito pouca preocupação com as transformações corporais da puberdade: as jovens assistiam pela primeira vez à chegada da menstruação com muita surpresa e, às vezes, temor. Quando ousavam fazer perguntas, uma minoria obtinha as explicações desejadas,

14. NRT. *Drollière* e *gaillarde* são expressões típicas de camponeses de várias regiões da França para designar uma jovem.

15. Ver tese (DEA) defendida na Universidade Paris 7-Denis Diderot: *Pour une histoire de l'intime. Evolution des pratiques et des représentations sexuelles en France des années 1920 aux années 1960*. 2001, orientada por Françoise Thébaud. Acervos usados da *Association pour l'Autobiographie*, conservados em Lyon.

quase sempre de uma irmã mais velha ou de amigas mais velhas, mas nunca da mãe. Algumas podiam recorrer a dicionários, como o *Larousse* médico.

No que diz respeito às práticas, Anne-Claire Rebreyend fala, para o período entre guerras, de uma “sexualidade sonhada” a partir de emoções heterossexuais ou homossexuais. Entretanto o *flirt* – primeiro aprendizado do gestual amoroso –, praticado desde a *belle époque* pelas elites sociais, difunde-se largamente em toda a sociedade desse período. A passagem ao ato sexual propriamente dito é levada quase que sistematicamente para o momento posterior ao casamento, essencialmente porque as mulheres temem uma gravidez sem terem a possibilidade de se proteger e, *a fortiori*, de abortar. Vale lembrar aqui da promulgação, em 1920, de uma lei que reprimia “a provocação do aborto e a propaganda anticoncepcional” pela Câmara dos Deputados; todos os contraceptivos tiveram a venda proibida, exceto os preservativos, que protegem das doenças venéreas. As mulheres casadas evocam a sua sexualidade conjugal com um certo descontentamento e muitas parecem consenti-la com desgosto, senão com repugnância. A noção de prazer é mais esboçada do que abordada francamente. Antes da Segunda Guerra Mundial, a satisfação sexual não aparece como um direito ao prazer, mesmo quando esta preocupação se torna cada vez maior (SOHN, 1996a; 1996b).

Estas observações confirmam as conclusões de Martine Sévegrand, em uma obra publicada em 1996. Sua pesquisa compreende aproximadamente cento e vinte cartas escritas pelo abade Violet, fundador da Associação do Casamento Cristão, no começo dos anos 1920, cujo objetivo confesso é o de formar cônjuges fiéis às leis da Igreja. Este abade é um especialista em moral conjugal, a quem os fiéis podem confidenciar suas dúvidas, suas dificuldades e finalmente sua vida sexual. A esses fiéis juntam-se os párocos, um pouco desconcertados com algumas perguntas ou confidências recebidas em confissões de seus penitentes. Essas cartas permitem medir a marca do catolicismo, notadamente através dos cinco grandes princípios da moral sexual católica, lembrados aqui de forma rápida. O primeiro é a unidade e indissolubilidade do casamento, o que exclui o adultério e o divórcio. O segundo é a justificativa do ato sexual entre esposos com duas finalidades, segundo o Código do Direito Canônico (1917): “a finalidade principal do casamento é a procriação e a educação dos filhos; sua finalidade secundária é a ajuda mútua dos cônjuges e o apaziguamento do desejo sexual”. Para remediar a concupiscência, o ato sexual foi legitimado, mesmo quando estéril; contudo, paralelamente, a Igreja determinou com firmeza que a busca exclusiva do prazer não poderia justificar o ato sexual. O terceiro princípio é o da obrigação de consentir o ato sexual, se este for solicitado pelo cônjuge, já que o casamento é considerado como um contrato pelo qual um cônjuge dá ao outro direitos sobre seu próprio corpo. O ato carnal torna-se, então, “dever conjugal” que muitas esposas aceitam como uma obrigação, uma violência e mesmo um perigo. O quarto princípio, lembrado por Pio XI, na encíclica *Casti Connubii* (início de 1931; “As regras do casamento”), afirma que todas as manobras

que visam privar o ato sexual de sua fecundidade natural constituem uma violação da lei divina: é necessário praticar a continência para limitar os nascimentos. Último grande princípio, a virgindade é um estado de vida sempre superior ao casamento. De onde se deduz que a abstinência, livremente consentida pelos cônjuges, representa uma feliz emancipação dos instintos carniais, uma liberação que favorece os progressos espirituais.

A correspondência recebida pelo abade Violet é edificante sobre vários aspectos. Mede-se primeiramente o grau de ignorância largamente difundida em matéria sexual: o modelo da “jovem inocente”, elaborado no século precedente, continua presente. Temos o exemplo de uma jovem que teme estar grávida porque seu noivo a beijou na boca, ou desta outra que não sabe quais são as diferenças físicas que existem entre um homem e uma mulher. Mas é preciso, também, assinalar que alguns rapazes confessam nada saber sobre os “mistérios da reprodução”. Simultaneamente, vêem-se também mulheres declararem a legitimidade de um prazer que elas compartilham, como a esposa de um operário que exclama, a respeito de um longo período de abstinência que seu marido e ela acabam de passar: “Como é difícil para ambos, principalmente para mim, nunca conseguirei, se Deus não me ajudar”. Descubrem-se, também, com a leitura dessa correspondência, os primeiros passos do método Ogino, questionado tanto pelos clérigos quanto pelas mulheres – que vão ainda além, indagando mais sobre sua eficácia do que sobre sua legitimidade, já que várias desejam limitar o número de nascimentos sem, no entanto, renunciar a uma vida sexual, em nome de argumentos variados: a saúde fraca da mãe, que não poderia suportar uma gravidez suplementar; o precário equilíbrio do orçamento familiar, que não poderia suportar uma boca a mais para alimentar; um casal – lembrando que existem muitas dispensas para o jejum ou para a folga de domingo – não hesita em pedir dispensa da abstinência sexual. Enfim, mulheres temendo que a recusa do dever conjugal para evitar gravidez possa levar seus maridos para longe...

Parece que, no campo das práticas sexuais, há uma tímida evolução após a Segunda Guerra Mundial. É preciso, porém, esperar os anos 70 para que se desenvolva uma verdadeira revolução sexual; e é apenas a partir desse momento que o Estado vai assumir uma parte dessa revolução (lei do aborto, por exemplo). Atualmente, as moças, sem esperar por muitos anos, praticam deliberadamente a sua sexualidade: assim, a idade da primeira relação sexual diminuiu de aproximadamente três anos para as moças, na segunda metade do século XX. Uma adolescente troca seu primeiro beijo já aos catorze anos e tem sua primeira relação sexual aos dezessete anos aproximadamente, testemunhando, assim, uma precocidade sexual quase que equivalente à dos rapazes<sup>16</sup>. Não sendo mais obrigatória a autorização

16. Ver *Les Femmes Portrait social*, Paris, INSEE/Service des Droits des Femmes, 1995, p. 88 e *L'Entrée dans la sexualité. Le comportement des jeunes dans le contexte du sida*, dir. Hugues LAGRANGE, Brigitte LHOMOND e al., Paris, La Découverte, 1997, p. 31.

dos pais para as menores que desejam abortar e substituindo-a pela de um adulto escolhido por elas, o Estado manifestou sua vontade de dar às jovens um domínio maior do seu corpo<sup>17</sup>. A medida não era tão evidente como observamos: ela veio na contracorrente da política e da sociedade francesa que, ao longo dos séculos, se apropriou, em benefício próprio e, principalmente, em benefício dos homens, de um prazer em usufruir os corpos juvenis femininos.

Para isto, esta autonomização progressiva do corpo juvenil feminino, sua afirmação excessiva, que às vezes oscila entre o nu e o desnudamento, não devem mascarar sua confusão, sua fragilidade, suas dúvidas, seus sofrimentos<sup>18</sup>. Agressão, incesto, violação: o corpo ficou exposto, desde sempre, ao desejo brutal dos homens, sem que se tenha conseguido, ainda hoje, medir a amplitude e a intensidade das violências físicas e morais sofridas<sup>19</sup>. A pressão social que exige, em primeiro lugar, a sedução da beleza e a graça do corpo, mas também a garantia da virgindade e a castidade do sexo acompanha igualmente a história das jovens, até os nossos dias. Algumas quebram seu reflexo sobre os espelhos tensionados pela arte ou pela publicidade, que propõem uma estética fora de alcance, veiculada pelos ícones do cinema, da moda e de todos os espetáculos: anorexia, bulimia, males íntimos do corpo que mostram, às vezes, o sofrimento e o fracasso juvenis das aparências<sup>20</sup>. Outras devolvem uma imagem deslocada ou transgressiva. Do recurso ao “travestimento”, recorrente ao longo dos séculos, à economia moderna do desnudamento, passando pelo corte de cabelo à *garçonne* dos anos 1920, pela adoção do *jeans unissex* dos anos 1960, pela recusa emblemática ao uso do *soutien* a partir dos anos 1970, ou pelo *piercing* atual, elas querem, através da expressão do corpo vestido ou desnudo, desarticular as leis do gênero<sup>21</sup>.

17. Reconhecendo nisto a importância de uma instituição como o *Planning* familiar, que, desde a sua criação em 1956, com o nome de “Martenité heureuse”, acompanha os questionamentos e as angústias das menores.

18. Com relação à nudez, ver, por exemplo, Kaufman (1998).

19. Um indicador parcial é a taxa do IVG para as menores de dezoito anos – 2/3 abortam quando estão grávidas – que continua a crescer nas menores de quatorze anos; *Les Femmes...*, op. cit., p. 86 e p. 208. Cabe notar que as primeiras estatísticas sobre o incesto são do final do século XIX. Ver Vigarello (1994) e Louis (1994).

20. As patologias associadas aos comportamentos alimentares que atingem essencialmente as adolescentes são infinitamente graves e complexas: ver por exemplo *Anorexies à l'adolescence*, dir. Patrick ALVIN, Paris, Doin, 1996; *La jeune fille et la mort. Soigner les anorexies graves*, dir. Thierry VINCENT, Paris, Arcanes, 2000 e o *Dictionnaire de psychopathologie de l'enfant et de l'adolescent*, dir. Didier HOUZEL, Michele EMMANUELLI e Françoise MOGGIO, Paris, PUF, 2000.

21. Para uma reflexão recente sobre este assunto, ver “Femmes travesties: un ‘mauvais’ genre”, CLIO, *Histoire, Femmes et Sociétés*, n. 10, 1999.

## Referências bibliográficas

- BERTHELOT, Francis. *Le Corps du héros. Pour une sémiologie de l'incarnation romanesque*. Paris, Nathan, 1997, p. 51.
- BONNET, Marie-Jo. *Les Relations amoureuses entre les femmes du XVIIe au XXe siècle*. Paris: Odile Jacob, 1995 (1981).
- CASTA-ROSAZ, Fabienne. *Histoire du flirt. Les jeux de l'innocence et de la perversité*. Paris: Grasset, 2000.
- DE LACLOS, Chordelos. De femmes et de leur éducation. In: *Oeuvres complètes*. Paris: Gallimard/La pléiade, s.d., p. 402
- DENEYS-TUNNEY, Anne. *Ecritures du corps de Descartes à Laclos*. Paris: PUF, 1992.
- DIDEROT, Denis. *Lettres à Sophie Volland*. Paris: Gallimard, 1930, t. 3, carta de 22 novembro de 1768, p. 184-185.
- DIJKSTRA, Bram. *Idoles of Perversity. Fantaisies of Feminine Evil in Fin-de-Siecle Culture*. Oxford: University Press, 1986.
- DUCLERC, Vincent. *Histoire, Femmes et Sociétés*. *CLIO*, n. 10, 1999, p.256-267.
- DUMAS, *Discours sur cette question: Quels sont les moyens de perfectionner l'éducation des demoiselles, 1783* p. 51.
- DUMAS. *Discours sur cette question: Quels sont les moyens de perfectionner l'éducation des demoiselles*. Proposta e premiada em 1783 pela Academia de Ciências, Artes e Belas-Letras de Châlons-sur-Marne, Neuchatel, Fauche, 1783.
- FADERMAN, Lillian. *Surpassing the Love of Men. Romantic Friendship and Love Between Women from the Renaissance to the Present*. New York: Quill, 1998 (1981).
- FOUCAULT, Michel. *Histoire de la sexualité, tomo 1: La volonté de savoir*. Paris: Gllimard, 1976.
- FRAISSE, Geneviève. *Muse de la raison. Démocratie et exclusion des femmes en France*. Paris: Gallimard/Folio, 1995 (1989).
- HOUBRE, Gabrielle. Demoiselles catholiques et *misses* protestantes: deux modèles éducatifs antagonistes au 19e siècle. *Bulletin de la Société d'Histoire du protestantisme français*, tomo 146, 2000.
- HOUBRE, Gabrielle. *La Discipline de l'amour. L'éducation sentimentalle des filles et des garçons à l'âge du romantisme*. Paris, 1997.
- KAUFMAN, Jean-Claude. *Corps de femmes, regards d'homme. Sociologie des seins nus*. Paris: Nathan/Pocket, 1998.
- KNIBIEHLER, Yvonne. L'éducation sexuelle des filles au XXe siècle. *Le Temps des jeunes filles, CLIO, histoire, femmes et sociétés*, n. 4, 1996.
- KNIBIELHER, Yvonne. Le discours medical et la jeune fille au temps des Lumières. *Adolescence*, automne 1983.
- LAQUEUR, Thoams. *La Fabrique de sexe. Essai sur le corp et le genre en Occident*. Paris: Gallimard, 1992 (1990).

- LE BRÉTON, David. *Anthropologie du corps et modernité*. Paris: PUF, 2000 (1990), p. 47 e 68.
- LOUIS, Marie-Victoire. *Le Droit de coïssage. France, 1860-1930*. Paris: L'Atelien, 1994.
- LUPPE, Albert de. *Les Jeunes filles à la fin du XVIIIe siècle*. Paris: Champion, 1925, p. 124.
- MARGUERITTE, Victor. Jeunes filles. *L'Illustration*, suplemento de 16 de maio 1908, p. 33 (Ilustrações por Simont, suplementos em forma de romance).
- MICHAUD, Stéphane. *Muse et madone. Visages de la femme de la Révolution française aux apparitions de Lourdes*. Paris: Seuil, 1985, cap. 1.
- MILLER, Neil. *Out of the Past. Gay and Lesbian History from 1869 to the Present*. New York: Vintage Books, 1995, cap. 2
- MOREAU DE LA SARTHE, Jacques-Louis. *Histoire naturelle de la femme*. Paris, 1803, 2 vol.
- MUOLINIE, Veronique. *La Chirurgie des ages. Corps, sexualité et représentations du sangs*. Paris: edição da Maison des Sciences de l'Homme, 1998.
- PEYRE, Evelyne; WIELS, Joëlle. De la 'nature des femmes' et de son incompatibilité avec l'exercice du pouvoir: le poids des discours scientifiques depuis le XVIIIe. In: VIENNOT, Eliane (dir.). *La Démocratie 'à la française' ou les femmes indésirables*. Paris: Publicações da Universidade Paris 7 – Denis Diderot, s.d., p. 127-157.
- RICHARDOT, Anne. Lumières sur les jeunes filles. In: BRUIT, Louise; HOBRE, Gabrielle; KLAPISCH-ZUBER, Christiane; PANTEL, Pauline Schmitt (dir.). *Les Corps des Jeunes filles, de l'Antiquité à nos jours*. Paris: Perrin, 2001.
- SEGALEN, Martine. Le XIXe siècle. Le manteau des jeunes filles. La virginité dans la société paysanne. *La première fois ou le roman de la virginité perdue à travers les siècles et les continents*. Paris: Ramsay, 1981, p. 119-138 (coletânea).
- SEGALEN, Martine. *Marie et femme dans la société paysanne*. Paris: Flammarion/Champs, 1984 (1980), cap.1.
- SÉVEGRAND, Martine. *L'Amour en toutes lettres. Question à l'abbé Violet sur la sexualité (1924-1943)*. Paris: Albin Michel, 1996.
- SOHN, Anne Marie. *Chrysalides. Femmes dans l'avie privée (XIXe-XXe siècles)*. Paris: Publicações da Sorbonne, 1996a, 2 vol.
- SOHN, Anne-Marie. *Du premier baiser à l'alcôve. La sexualité des Français au quotidien (1850-1950)*. Paris: Aubier, 1996.
- TAMAGNE, Florence. *Histoire de l'homosexualité en Europe. Berlin, Londres, Paris 1919-1939*. Paris: Seuil, 2000.
- VERDIER, Yvonne. *Façons de dire, façons de faire. La laveuse, la couturière, la cuisinière*. Paris: Gallimard, 1979
- VIGARELLO, Georges. *Histoire du viol. XVIe – XXe siècle*. Paris: Seuil, 1998, p. 1994.
- VIREY, Julien-Joseph. *De la femme sous ses rapports physiologique, moral et littéraire*. Paris: Crochard, 1823.